

As cartas do imigrante britânico George Stewart Boddy sobre sua vida na colônia do Assunguy, província do Paraná, Brasil – segunda metade do século XIX

The letters of British immigrant George Stewart Boddy about his life in the colony of Assunguy, province of Paraná, Brazil – second half of the 19th century

*Ana Maria Rufino Gillies**

1 APRESENTAÇÃO

Houve épocas em que era possível discutir um contexto histórico abstraindo-se de considerar qualquer destino individual (LEVI, 2001, p. 167). Contudo, com as viradas epistemológicas ocorridas a partir da segunda metade do século XX, passamos a assumir a importância de se conhecer os caminhos percorridos e os vestígios deixados por vidas individuais, particularmente no que tange ao fenômeno das grandes migrações. Nesse processo, o meio utilizado para manutenção dos laços afetivos com a comunidade de origem foram as cartas, particularmente ao longo do século XIX. Uma prática mais comum entre as camadas letradas, mantida respeitando-se diversas convenções de escrita, era também importante para indivíduos que precisavam recorrer a terceiros a fim de enviar e receber notícias para amigos e, principalmente, familiares distantes.

* Doutora em História pela UFPR. Professora Associada do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO, do Curso de Licenciatura em Artes Visuais e do Programa de Pós-Graduação em Cinema e Artes do Vídeo-PPGCINEAV da Universidade Estadual do Paraná, UNESPAR. Membro do Grupo de Pesquisa em História Cultural do PPGH da UNICENTRO, do Grupo de Pesquisa Interdisciplinar em Artes-GIPA, Grupo de Pesquisa em Arte, Cultura e Subjetividades-GPACS e Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação, Diversidade e Cultura-GEPEDIC da UNESPAR.

Link para o Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3844117013723738>.

Neste texto, discutimos o significado dessa prática para quem escrevia, o que o pequeno acervo de 14 cartas escritas por Mr. Boddy, ao qual passarei a me referir pelo primeiro nome, George, representava para seus familiares britânicos e o que representa para seus descendentes, britânicos e brasileiros. No Brasil, mais especificamente no Paraná, o ancestral inglês tem sido objeto de pesquisa e memorização para os senhores Ozeias Faville, para Norberto Boddy e para as famílias ampliadas a partir dos filhos de George; na Inglaterra, quem pesquisa sobre ele, incansavelmente, é o Sr. Geoff Lilleker. Foram eles que generosamente compartilharam as cartas do seu antepassado imigrante e outros dados mais recentes.

Não se pretende, neste artigo, narrar toda a vida de George, tarefa, aliás, impossível, inclusive porque de tudo que ele indica ter escrito, só dispomos de alguns fragmentos, o que é costumeiro, pois “a correspondência, por exemplo, é por natureza uma escrita perdida” (ARTIÈRES, 1998, p.10). Nesse sentido, alguns aspectos do contexto de sua experiência são indispensáveis para melhor entendimento.

Na segunda metade do século XIX, o governo imperial brasileiro, diante da evidência de que não conseguiria manter a escravidão por muito tempo e com uma elite grandemente¹ interessada em substituir o trabalhador negro escravizado por uma população branca europeia, colocou em prática uma política imigratória por meio de agentes estabelecidos no Brasil e na Europa. Baseando-se numa retórica ilusionista, valeu-se, entre outras ações, da publicação de propagandas que acenavam com a viabilidade de ascensão social e econômica daqueles que se dispusessem a vir se estabelecer em colônias agrícolas, dentre as quais, a Colônia do Assunguy, na Província do Paraná. A partir de 1865, a província passou a receber imigrantes oriundos de países como Alemanha, Itália, Polônia, Espanha, Dinamarca, França, Irlanda, Inglaterra, entre outros. George Boddy foi um desses imigrantes que chegaram ao Paraná em 1868 juntamente com um grupo de ingleses e irlandeses.

No Brasil, usualmente não se associa a ideia de imigrantes a ingleses ou irlandeses, conforme explica Oliver Marshall (2005). Nesse país, eles são um pouco mais conhecidos por papéis exercidos no século XIX nos negócios de exportação/importação e comércio de produtos industrializados, na navegação, negócios bancários, construção de estações e linhas ferroviárias², na repressão ao tráfico de escravos (ao mesmo tempo em que essa prática, na qual se notabilizaram, estava sendo suspensa em seu país). Fora do Brasil, como colonizadores em países do continente africano e por sua ocupação da Índia e de Hong-Kong.

Brazil is not usually associated with either English or Irish immigrants, but in the late 1860s and early 1870s great efforts were made in England and elsewhere to stimulate interest in the country. An idealized image of Brazil was created to help persuade dissatisfied Irish and English to pack up and join agricultural settlement schemes in a country that they had known nothing about, the recruits carrying unrealistic expectations of what lay before them. (MARSHALL, 2005, p. 7)

Conforme Marshall explica na citação acima, grandes esforços foram feitos na Inglaterra e em outros países para estimular o interesse e atrair imigrantes para o Brasil. Para isso, foi criada uma imagem idealizada e veiculada por meio de cartas, artigos, panfletos e livros, exaltando as virtudes de lugares apresentados como paradisíacos que, associados à imagem de exotismo e mistério, descrevia a natureza quase aos moldes da carta em que, em 1500, Pero Vaz de Caminha descreveu o potencial exploratório da terra brasileira.

A Colônia do Assunguy, na Província do Paraná, para onde imigrantes europeus foram enviados a partir de 1860, ficava a 100 quilômetros da capital da província, Curitiba. Lá havia terras ditas férteis, mas topografia acidentada e íngreme, viabilizando somente o plantio de poucas culturas. Além disso, o péssimo estado dos caminhos e elevados custos dos transportes, por mulas, e monopolizado por poucos, tornavam inviável a comercialização da pequena produção. Estes fatos, associados à precária estrutura local e insuficiência de recursos que seriam providos pelo governo imperial, dificultaram a permanência da maioria dos imigrantes para lá enviados, principalmente a dos britânicos que, de acordo com registros disponíveis no Arquivo Público do Paraná e no periódico *Dezenove de Dezembro*, foi o grupo que mais reclamou, certamente com razão, das promessas não cumpridas e das péssimas condições de existência no lugar. Desse modo, foi elevado o grau de mobilidade, prática aliás comum em processos migratórios. Poucos permaneceram na colônia, tendo, eventualmente, se mudado para a capital e para cidades do interior.

Dos poucos britânicos que permaneceram, podem ser citados alguns cujas famílias ainda podem ser identificadas na capital e no interior do Paraná: Boddy, Bond, Chamberlain, Faville, Joslin, Kendrick, Mason, Pugsley, Samways, Tamplin, para citar apenas alguns com cujos descendentes tive contato ao longo de minhas pesquisas, ao me procurarem em razão do interesse que tinham em conhecer mais sobre seus antepassados. Porém, é Oliver Marshall (2005, p. 230-268)

o pesquisador que apresenta, em seu livro, a mais extensa relação de imigrantes que se estabeleceram, além do Paraná, também em colônias no litoral de São Paulo e no interior de Santa Catarina.

Apesar da existência precária na colônia do Assunguy, há registros de solidariedades e de sociabilidades entre os imigrantes, conforme relatórios disponíveis no Arquivo Público do Paraná³ e em um livro, inédito, de memórias, escrito pelo Sr. Albert Burton Tigar.⁴ Nascido na colônia, filho de imigrantes britânicos. Albert, em seu extenso relato, não se refere a George, mas não é improvável que este último tenha feito parte do mesmo círculo, uma vez que ele relata, em uma de suas cartas, ter ajudado o Sr. Albert Tamplin, também imigrante britânico e avô de Albert, a construir sua casa. De todo modo, o que há de comum entre todos esses personagens é a prática cultural de escrita de cartas e de diários.

Valiosos suportes da historiografia, ao viabilizarem acesso ao cotidiano de pessoas comuns, seus modos de vida e maneiras de pensar em um determinado período, diários e cartas são os vestígios, fragmentos, indícios esparsos dos atos e das palavras de pessoas que viveram num passado que só nos é acessível desse modo indireto: pela mediação das fontes, pelo trabalho orientado pela compreensão da necessidade de controlar e equilibrar nosso fascínio pela riqueza das trajetórias individuais que essa documentação proporciona.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE AS FONTES

Desde que uma nova perspectiva historiográfica levou à revalorização do indivíduo comum e do que se praticava e se produzia no âmbito da vida privada, ampliaram-se os espaços para os escritos biográficos e autobiográficos e o campo de possibilidades para o historiador. Diários e cartas, documentos autobiográficos que são, nos quais o indivíduo, homem ou mulher, escreve sobre si, juntam-se a outros fragmentos da existência humana que, desde os *Combates pela História*, de Lucien Febvre (1985), levaram ao desenvolvimento de reflexões que promoveram e promovem a escrita de uma história que procura abarcar mais objetos, mais sujeitos – daí os estudos sobre gênero, raças e etnias, classes sociais, memórias, além de sempre novas problemáticas e perspectivas, como as propostas de decolonialidade e interseccionalidade.

Parte da cultura de uma determinada época, os escritos autobiográficos, de cartas a diários íntimos, não são produzidos, pelos seus autores ou autoras, sem uma seleção. Como destacou Philippe Artières (1998, p. 11):

(...) não arquivamos nossas vidas, não pomos nossas vidas em conserva de qualquer maneira; não guardamos todas as maçãs da nossa cesta pessoal; fazemos um acordo com a realidade, manipulamos a existência: omitimos, rasuramos, riscamos, sublinhamos, damos destaque a certas passagens. (...) Na correspondência que recebemos, jogamos algumas cartas diretamente no lixo, outras são conservadas durante algum tempo, outras enfim são guardadas; com o passar do tempo, muitas vezes fazemos uma nova triagem. O mesmo acontece com nossas próprias cartas: guardamos cópias de algumas, seja em razão de seu conteúdo, seja em razão de seu destinatário. (ARTIÈRES, 1998, p. 11).

Dessas práticas de arquivamento, destaca-se o que o autor chama de intenção autobiográfica. Quando a seleção e guarda dessa produção são realizadas por outros que não o próprio autor, há, com frequência, uma intenção biográfica. Contudo, Pierre Bourdieu (2001, p. 183-200) adverte contra o senso comum de se pretender escrever uma história da vida de um sujeito, baseada no pressuposto de que a vida é uma história que se desenrola como um caminho, um projeto que tem começo, meio e fim, um sentido, uma lógica retrospectiva e prospectiva, uma consistência e uma constância e relações inteligíveis. “O real é descontínuo, formado de elementos justapostos sem razão, todos eles únicos e tanto mais difíceis de serem apreendidos porque surgem de modo incessantemente imprevisto, fora de propósito, aleatório” (BOURDIEU, 2001, p. 185).

3 SOBRE AS CARTAS DE GEORGE BODDY

O conjunto de correspondências escritas por George e disponibilizado pela sua família é composto por 14 cartas escritas entre os anos de 1868 e 1910, endereçadas à sua mãe; a um dos irmãos tentando convencê-lo a juntar-se a ele na colônia; e, por fim, a uma sobrinha. Então, na sua escrita, que não se configura egocêntrica, ele demonstra que está contemplando vantagens também para seu irmão.

Pode-se supor que muitas outras tenham sido escritas ao longo dos anos, mas foram extraviadas ou não foram selecionadas para leitura de um público fora do círculo familiar guardião. Observa-se em sua escrita que se tratava de uma prática regular, e que, a despeito de ter sido um hábito cultural comum no século XIX, para George, particularmente nos primeiros

anos, vivendo na colônia e se sentindo profundamente só, escrever e receber cartas se constituiu como um modo de manter uma proximidade afetiva com seus familiares, um tipo de sociabilidade regular, de natureza epistolar.

Embora eu considere relevante analisar o grau de sociabilidade mantida por George, uma vez que a tomo aqui como conceito, há que se levar em consideração o fato de que as relações íntimas e afetivas com pais e irmãos, certamente permitem uma flexibilidade na demonstração dos sentimentos que o afligem na solidão da colônia.

Ele procura mostrar, nas cartas, que está se esforçando no sentido de uma interação com os demais residentes na colônia, mas anseia por poder conversar e compartilhar o cotidiano, o trabalho, e as doces memórias de casa. George está se correspondendo com a família e, embora pareça desesperado em alguns momentos, logo em seguida se recompõe e expressa confiança no futuro

Imprevistas e inesperadas foram muitas das situações que fizeram parte da experiência de George e, de fato, dos imigrantes enviados ao Assunguy. A primeira carta do conjunto salvaguardado pela família, datada de 14 de março de 1868, foi postada na Inglaterra por um outro imigrante, Woods (provavelmente James Wood) que, por razões de saúde e notícias preocupantes recebidas de casa, voltou para o país. Os imigrantes que aqui permaneceram, procuravam, sempre que possível, enviar e receber correspondências, valores e outras encomendas, por meio de conterrâneos que viajavam para a Inglaterra ou vinham de lá. Era comum a denúncia de que as cartas, enviadas para a Europa ou vindas de lá, não chegavam a seus destinos, passando antes por um escrutínio das autoridades locais, temerosas da repercussão das reclamações dos colonos.

Logo de início, George explica que a metade dos que chegavam na colônia, a abandonavam, porque nada ali era como representado pela propaganda; pelo contrário, a vida ali era muito ruim, a começar pela comida: *“The Farinya and Fizons are all the people in this blessed country live on. (...) That is all we have in the shape of meal and what use is it, we cannot make bread of it. I have not tasted bread for 6 months & more and do not expect to for many or more years”* [“Feijão e Farinha é tudo do que o povo desse país abençoado vive. (...) Isto é tudo o que temos como refeição e para o que serve, se não podemos usar para fazer pão. Eu não como pão há mais de 6 meses e não tenho esperança de fazê-lo por muitos anos”]⁵. Acrescenta que feijão não era muito bom, sendo inclusive servido aos cavalos, e mesmo assim, era escasso, demorava a chegar, pois eles viviam muito longe, no sertão.

Seu relato não discrepa dos relatos contidos em correspondências, diários, denúncias, depoimentos, dados ao engenheiro britânico Thomas Plantagenet Bigg-Wither (1974) que circulou pelo interior do Paraná entre

os anos de 1872-1875, e ao cônsul britânico Lennon-Hunt (1998, p.77-133) enviado para ouvir seus conterrâneos (inclusive George), em 1874. São registros de uma vida dura, à qual George destaca, em suas cartas de 1868, que estava procurando se acostumar e que não tinha dúvidas de que em 2 ou 3 anos de trabalho duro, colheita, e posse de uma vaca e de alguns porcos, eventualmente estaria bem, mas que fazia questão de descrever as dificuldades a serem enfrentadas apenas para que não se tivessem do país uma falsa impressão. *“This is not a fit place, in my opinion, to bring a woman to, and it is fit for nothing but rough hard men who can stand any kind of hardships. (This is a true account of the place which I cannot send by post as it is reported all letters are opened and if they give bad accounts destroyed)”* [Este não é um lugar apropriado para se trazer uma mulher, e é apropriado apenas para homens fortes e rudes capazes de suportar toda sorte de dificuldades (Esta é uma verdade sobre o lugar que eu não posso enviar pelo correio porque consta que todas as cartas são abertas e, se reportam as dificuldades, são destruídas)].

Oriundo de Doncaster, região metropolitana ao sul de Yorkshire, não são conhecidas as razões pessoais que levaram George, ou outros britânicos oriundos de outras regiões da Grã-Bretanha, a emigrarem. Mas a disposição para enfrentar as dificuldades apontadas em suas cartas já era um indício de que não pretendia retornar, dar-se por vencido. Nos primeiros anos, vivendo num contexto de extrema rusticidade e precariedade, seu relato busca equilíbrio entre o desespero e a esperança de dias melhores. O autor das cartas se esforça para apresentar uma imagem de si que, ao mesmo tempo, sensibilize os pais para que um de seus irmãos venha ajudá-lo na colônia, e demonstre que ele está determinado e confiante em ser bem-sucedido. Como escreve Tereza Malatian, estudiosa desse tipo de documentação:

O que o escritor de cartas parece querer dizer a todo momento, ao apresentar uma “pose” de si mesmo, é simplesmente: “eu estou aqui”. Pose continuamente refeita em formas efêmeras e transitórias, nas quais a experiência cotidiana, sempre inacabada, aberta ao inesperado, está presente. (MALATIAN, 2013, p. 201).

Cartas, diários e *memoirs* fizeram parte das práticas cotidianas dos europeus desde a época moderna, e essa produção tem representado importante conjunto de fontes para a escrita da História. Algumas dessas produções foram publicadas, como os diários de Samuel Pepys (1633-1703), de D. Pedro II (1840-1891), Maria Graham (1785-1842), para citar apenas exemplos mais conhecidos entre nós. Outras, não publicadas, como

o *Diary* da imigrante britânica Caroline Maxwell Tamplin e o *Memoir* de seu neto Albert Burton, foram tomadas como fontes para a escrita da história (GILLIES, 2011; 2014)

As cartas, frutos de uma cultura epistolar, representam espaços de sociabilidade, lugares de memória (NORA, 1993) e um amplo campo de possibilidades para o historiador (e até mesmo para a indústria cinematográfica, como as cartas que Vincent van Gogh escreveu, entre 1873 e 1890, para seu irmão Théo (1997). São ‘escritas de si e escritas de história’ (GOMES, 2004), cuja produção e análise permitem o acesso a sujeitos e a contextos históricos; trazem fragmentos, vestígios de outras épocas, indícios de eventos, de sentimentos, de esperanças, de tudo aquilo que constituiu experiências de vidas humanas.

As cartas expressam dimensões culturais do sujeito, que poderiam ser chamadas de momento biográfico. (...) Família, vizinhança, cidade, local de trabalho são algumas das pertencas culturais interiorizadas ao longo de uma história de vida. Só que uma vida não transcorre de modo linear contínuo e sim em momentos, nos quais experiências organizam-se no espaço interior construído pelo sujeito e que individualiza um aspecto de sua vida. Nas cartas, isso ocorre de modo especialmente claro, pois é a configuração do momento biográfico que rege o contar da vida por meio da junção de experiências referidas a tempos e contextos sempre heterogêneos. (MALATIAN, 2013, p. 200).

O registro da vida em escritos autobiográficos configura-se como constituição de memória, antídoto do esquecimento e fonte de imortalidade, e a memória, assim preservada, pode conduzir à história. “Ao ter acesso a esses fragmentos, o historiador espia por uma fresta a vida privada palpitante, dispersa em migalhas de conversas a serem decodificadas em sua dimensão histórica...” (MALATIAN, 2013, p. 200). Mas cabe ao historiador definir o que buscará nesses documentos e confrontá-los com outros documentos, como também estar atento ao potencial sedutor e às armadilhas presentes no desenrolar da experiência cotidiana que provoca suspense e ansiedade no leitor enquanto este acompanha os fatos fragmentados de uma vida. Esses perigos exigem do historiador rigor analítico e procedimentos de crítica documental empregados a todo e qualquer tipo de documentação. Pierre Bourdieu adverte para o risco de supormos que a posse de documentos da natureza dos aqui descritos nos permite recompor a vida como “o conjunto de acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história e o relato dessa história” (BOURDIEU, 2001, p. 183).

Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos, com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou de reforçar. (BOURDIEU, 2001, p. 185).

Tomados os devidos cuidados metodológicos, é um privilégio para a história ter acesso a fontes de natureza autobiográfica, em particular essas cartas, guardadas e preservadas por mais de 150 anos, graças ao cuidado e à importância atribuída a esses registros por familiares aqui referidos como guardiões da memória. São múltiplos os sujeitos em torno dessa memória, familiares britânicos e brasileiros, o que indica que seria também interessante averiguar por que esses familiares consideraram importante guardar esses papéis, o que significam para eles e por que desejam investigar mais. Conforme Teresa Malatian (2013, p. 200), as cartas sempre suscitaram em seus autores ou destinatários sentimentos ambivalentes de desejo de preservação ou destruição, e devemos considerar que, possivelmente, parte das cartas de George foram perdidas ou destruídas, uma parte guardada e outra selecionada para sair do âmbito do privado para o público. “Mas outro interesse, mais poderoso, permitiu que as cartas sobrevivessem silenciosas em arquivos pessoais, por vezes cuidadosamente atadas com fitas: o desejo de salvar vestígios de vidas, de laços estabelecidos, de afetos experimentados”. (MALATIAN, 2013, p. 200). Passemos, então, a explorar os conteúdos das cartas de George.

4 FRAGMENTOS DA TRAJETÓRIA DE GEORGE STEWART BODDY NA PROVÍNCIA DO PARANÁ

Distante de seu país, de seus familiares e de sua cultura, as cartas permitiam a George a manutenção de uma sociabilidade com os seus cuja importância ele destaca com frequência. Como explica Malatian (2013, p. 197), “o envio e o recebimento de notícias, com frequência e regularidade, constituíam-se em dimensão da vida cotidiana” (...), “criava e sustentava um desejo de reciprocidade”, que George explicitava com ansiedade, quando respostas demoravam a chegar na colônia, ou com grande alegria quando, ao retornar do meio do mato onde estivera trabalhando derrubando árvores ou construindo pontes, no sertão a que ele se referiu anteriormente, havia uma carta e/ou um pacote com jornais e outras encomendas esperando para ser aberto.

Sentindo-se só e aspirando, de fato, implorando, que o irmão Harry viesse se juntar a ele, há evidências de que George escrevia com bastante frequência, o que é compreensível, por conta dessa saudade elevada a altos picos que afeta aqueles que vivem nas condições em que ele se encontrava. O tempo todo, mesmo nesse pequeno acervo que foi colocado à nossa disposição, o que se evidencia é a manutenção de uma sociabilidade regular, ainda que à distância, quiçá não tão diferente da sociabilidade que mantemos nos dias atuais, embora por meio de outros suportes - eletrônicos, digitais - que não o papel. Não obstante as diferentes temporalidades há, no passado do século XIX e nos dias atuais destas primeiras décadas do século XXI em que tivemos que viver distanciados para evitar contágio pelo coronavírus, esse desejo de falar de si, de compartilhar as atividades do dia a dia, os sentimentos, os modos de pensar, as aspirações e as esperanças, os anseios e os temores, enquanto, ao mesmo tempo, o escritor elabora uma imagem de si.

O século XIX, conhecido como “o século da História”, foi também o século das correspondências, da introspecção, da constituição de uma intimidade e de uma vida privada que acompanhou a implantação da ordem burguesa no Ocidente (PERROT, 1991, p. 9-13; MARTIN-FUGIER, 1991, p. 193-261). “Assim como diários e autobiografias, as cartas expressavam a vida privada segundo regras de boas maneiras e apresentavam uma imagem de si controladoras da espontaneidade e da revelação da intimidade” (MALATIAN, 2013, p. 197). São aspectos perceptíveis nas cartas que George escreve, esse controle entre o desejo de expressar-se com a intensidade e multiplicidade dos sentimentos que tomam conta de seu peito enquanto, ao mesmo tempo, procura conter-se na manifestação de desespero, que converte em palavras de fé, confiança e esperança de um futuro mais auspicioso.

Se na primeira carta, de março de 1868, ele compartilhou alguns dados sobre as duras condições de vida na colônia, na segunda carta do acervo, datada de 28 de novembro do mesmo ano, ele descreve algumas peripécias do trajeto: saindo do Rio de Janeiro, passaram pelo porto de Santos, no litoral de São Paulo, onde ficaram por 3 dias, e onde lhe contaram sobre o mercado de venda de escravos, que ele não foi ver mas sobre o qual ficou sabendo que um escravo do sexo masculino era vendido por 300 libras esterlinas⁶, filhas eram tiradas de suas mães e casais separados, para serem vendidos, “*and they said it was a very touching sight*” [e eles disseram que era uma coisa muito tocante de se ver], ele conclui.

Contou também sobre a ferrovia que ia de Santos à capital de São Paulo, construída por engenheiros ingleses. Passaram por Cananéia, onde vários imigrantes ingleses foram deixados (MARSHALL, 2005, p. 138-149) e, por fim, chegaram a Paranaguá onde teria visto um inglês que lá morava há 40

anos e era chefe de polícia. O relato se estende sobre a subida do litoral para Curitiba, onde, conta, permaneceu por 14 dias. Levaram 5 dias para chegar na colônia do Assunguy, onde as casas, constituídas de um único cômodo onde todos viviam, comiam e dormiam, eram construídas, sem janelas, feitas da madeira derrubada das cercanias e cobertas com as folhas da árvore de palmito, em áreas onde todos andavam descalços, inclusive a maioria dos ingleses, porque quando seus calçados se desgastavam, era caro demais para comprar novos. Ele desenhou um pequeno modelo do que seriam essas casas e esclareceu que, assim que possível, construiria sua casa nos moldes a que estava acostumado. Também se referiu ao fato de a região ser muito afastada⁷, o que poderia ser superado com a construção de uma estrada para o município de Castro, destino para o qual a produção seria escoada.

Em janeiro de 1869, ele escreveu duas cartas, uma para os pais e outra para o irmão Harry. Na carta para os pais, ele inicia expressando sua alegria por ter recebido correspondência da família *“To me, all alone here in a foreign land, doubly, trebly, welcome is the good news from home across the deep blue sea. The newspapers I prize much and should like more...”* [Para mim, totalmente sozinho em uma terra estrangeira, são duplamente, triplamente bem-vindas as boas notícias de casa cruzando o profundo mar azul. Os jornais eu prezo muito e gostaria de receber mais...]. Já se passara quase 1 ano desde sua chegada à colônia, mas sua casa ainda não tinha sido construída, e mais uma vez ele expressa a esperança de conseguir fazê-lo logo; inclusive informa que a casa terá nome (um hábito não incomum entre alguns imigrantes) – *Stewart House* – e a terra/fazenda, *Stewart Plantation* -, eu diria que, um modo de aristocratizar-se, nos moldes da *gentry*⁸. Na carta para o irmão, ele conta que andava procurando aprender tudo que pudesse para poder tornar-se independente, e que, em suas terras, havia plantado laranjas, uva etc. e mesmo construído uma pequena casinha, mas que não podia trabalhar sozinho e de que valeria trabalhar e plantar e depois partir, pois não pretendia passar o resto da vida ali. Por isso, implorava que o irmão tivesse pena e viesse juntar-se a ele para que, em alguns anos, pudessem apenas colher os frutos, fumar charutos, plantar tabaco etc.

Voltando à carta para os pais, ele indica, outrossim, que esteve trabalhando bastante, inclusive construindo uma casa para o Dr. Tamplin⁹, pois *“we all seem to help and assist one another out here so that makes our troubles lighter to bear”* [parece que todos nos ajudamos uns aos outros aqui para tornar nossos problemas mais leves de suportar]. E mais uma vez, a manifestação de fé em dias melhores, *“I have no doubt we shall all be doing well in a year or two. This is certain, we shall all be able to grow our own food as well as keep our own cow, horse, mule &ce.”* [eu não tenho dúvida de que nós todos estaremos bem em um ano ou dois. Isto é certeza, nós

todos conseguiremos plantar e colher nosso próprio alimento bem como ter nossa própria vaca, cavalo, mula etc.]. Isto, trabalhando sem parar, pois, lá, segundo conta, não se guardavam os domingos. “*It is Sunday here today and looks not a bit like it, shops open &ce. No Sunday is there in foreign countries. No Sunday, oh no Sunday. It is really awful to be an Englishman who has been used to such different customs.*” [É domingo aqui hoje e não se parece nem um pouco com um domingo, lojas abertas etc. Não há domingos em países estrangeiros. Não há domingos, oh não há domingos. É realmente terrível ser um inglês que estava acostumado a costumes tão diferentes.]. Consola-se na esperança de que a próxima entrega do correio lhe traga cartas do irmão Harry, comenta o que os jornais brasileiros escrevem sobre a Inglaterra, particularmente sobre Gladstone¹⁰, Bright¹¹ e outras figuras, demonstrando grande interesse em manter-se informado sobre a política de seu país.

No mesmo ano de 1869, em uma carta do mês de julho endereçada apenas à mãe, ele agradece pelos jornais enviados e, claramente procurando sensibilizá-la, escreve:

I should so like Harry to come here, he would be company. You know it is so hard to be here all alone & no one you know to see about you. Help him to come. I know you would be better satisfied if you knew two were here together. We could assist each other & if sickness overtook we should be a comfort to each other in a foreign land. Think it well over, I do not wish to go the least in opposition to your wishes but I think you will approve. One of us would then in a few years be able to come & see you. Whilst if I remain here alone I could not leave the place at all if I stop here. But if Harry does not come I don't know about it. Living alone in a forest is not nice, not comfortable, but if I live in the hope of him coming it will help me on. I seem to have got it into my head that he must come so do let him. (BODDY, July 1869).

[Eu gostaria tanto que Harry viesse para cá, ele seria companhia para mim. Sabe, é tão difícil ficar aqui sozinho e sem ninguém para estar com você. Ajude-o a vir. Eu sei que a senhora ficaria mais satisfeita se soubesse de nós dois aqui juntos. Nós poderíamos ajudar um ao outro e, se ficássemos doentes, confortar um ao outro num país estrangeiro. Pense bem sobre isto, eu não desejo ir contra seus desejos, mas eu penso que a senhora aprovará. Um de nós poderia então, daqui a alguns

anos, visitá-la. Enquanto eu permaneço aqui sozinho eu não posso sair deste lugar de jeito nenhum. Mas, se Harry não vier, eu não sei o que farei. Viver sozinho numa floresta não é agradável, não é confortável, mas se eu viver na esperança de ele vir, isto me ajudará a prosseguir. Acho que eu coloquei na cabeça que ele tem que vir, então por favor, deixe-o vir.]

Passaram-se os meses e o irmão Harry não veio e não escreveu, o que deixou George ansioso, angustiado. *“I am surprised and anxious at not hearing from you for so long a time now, 4 or more months. I hope you are well. I have been anxiously waiting for a letter from you to hear if you have made any preparations towards joining me out here. I am hoping you are and will soon be here”*. [Estou surpreso e ansioso por não ter recebido notícias suas há tanto tempo, 4 meses ou mais. Espero que você esteja bem. Estive ansioso esperando uma carta sua para saber se você fez preparativos para vir juntar-se a mim aqui. Estou esperando que sim e que você estará aqui logo]. Pobre George! Agradece pelos jornais e pede que, se vier, o irmão traga cobertores etc., porque, para poder comprar comida, teve que vender tudo que tinha. A carta é de 25 de outubro de 1869, que ele finaliza com *“your affectionate brother, G Boddy. Merry xmas and happy new year. Write and come”* [seu irmão afetuoso, G. Boddy. Feliz Natal e Feliz Ano Novo. Escreva e venha]. Estando há 2 meses do Natal, esses votos de Boas Festas revelam que George estava desesperadamente procurando se apegar à esperança de que o irmão viesse, mas no fundo sabia que isto não aconteceria.

Dos anos seguintes, temos apenas 2 cartas, uma de 1870 e outra de 1871. Na primeira, mais uma vez endereçada ao irmão, ele expressa seu desapontamento, seu desejo de que o irmão estivesse lá e, tacitamente, a compreensão de que o irmão não viria; portanto, pede-lhe que escreva uma carta bem longa e logo. Aparentemente, o irmão escreveu informando que teve problemas de saúde. A carta é curta, George parece resignado, conta que teve um encontro com uma cobra enorme – de 8 *feet*/2 metros e meio e um *large tiger* [um grande *tigre*], lamentando não ter dado tempo de transformá-lo num delicioso assado, e que, como ainda não havia estradas trafegáveis, não havia comunicação e todos se sentiam isolados do mundo.

Na carta de 1871, endereçada ao irmão William, ele se desculpa por não ter escrito antes devido a ter estado na floresta com o engenheiro, marcando limites de terras para os colonos e funcionando como intérprete, porque o engenheiro não falava inglês e os colonos não falavam português (considerando a diversidade de origens dos imigrantes enviados para Assunguy, lá se formou uma verdadeira Babel). Ele manifesta votos de que

tenham tido um bom Natal e lamenta que os Natais na colônia eram muito estranhos porque eles não tinham *plum pudding*¹² etc. Passou o Natal em casa – *at home* – em vez de ir juntar-se a outros homens solteiros por causa da distância de onde se encontrava, de 6 a 7 léguas. Se tivesse ido, teria comido porco assado no rolete, pelo que descreve. “*So you see we have some queer ways, no housekeepers, all to do ourselves*” [Então, veja você, nós temos uns hábitos estranhos, não temos empregada/os domésticos, temos que fazer tudo nós mesmos].

Como destacado no início deste texto, esses escritos de âmbito autobiográfico, como diários e cartas, constituem um tipo de fonte muitas vezes fragmentado, ou seja, nem sempre cobrem uma cronologia linearmente regular. O diário de Caroline Tamplin, com o qual trabalhei entre os anos de 2006 e 2010, era composto de um único caderno, cobrindo os anos de 1880 a 1882, salvo de uma daquelas fogueiras que muitas vezes são feitas para queimar papéis velhos por falta de espaço ou outras razões. Entretanto, a partir daquele único caderno, foi possível descortinar um universo repleto de historicidade, de fatos e personagens cujas existências foram confirmados a partir de outros documentos – relatórios de autoridades provinciais e imperiais, periódicos, relatórios de presidente de província e dos diretores da colônia Assunguy onde ela ficou estabelecida etc. No caso de George, seus relatos sobre a vida na colônia podem ser acrescidos do depoimento que ele, entre outros imigrantes britânicos, prestou ao Cônsul Lennon Hunt em 1874 (publicado em 1998, p. 46-47), nos seguintes termos:

George Boddy (esposa e duas crianças) veio para a Colônia seis anos atrás e obteve sua terra imediatamente, distante cerca de dez milhas do centro da Colônia. Foi completamente enganado quanto à descrição da terra, parte da qual deveria ser terreno aberto. Prometeram-lhe emprego nas estradas, mas até recentemente não tinha conseguido nenhum. Trabalhou nas estradas dezoito meses atrás, e ganhou 22 mil réis. Tendo perdido o atestado do Diretor, prometeram-lhe uma nova medição do trabalho, mas ela nunca foi feita e não conseguiu obter o dinheiro. Reclama que toda a melhor terra da Colônia está nas mãos do Senhor Miró e outros e ainda está inculta. Acha que uma grande injustiça foi feita aos colonos, e um grande prejuízo à Colônia, colocando-os em terras mais próximas ao centro. Diz que foi noticiado nos jornais que uma soma de dinheiro fora disponibilizada para adiantamentos aos colonos, para a construção de moinhos de cana-de-açúcar. Este

favor foi dado a somente um colono; todos os outros pedidos foram recusados. Escolas e igrejas protestantes, prometidas pelo governo, ainda não foram construídas. Sua dívida para com a Colônia, 450 mil-réis. Assinado George Boddy, Assunguy, 20 de setembro, 1874 (BODDY, In: MONUMENTA, 1998, p. 46-47).

Passaram-se 20 anos desde a carta anterior do acervo e a próxima, datada de outubro de 1891¹³. Nela, endereçada por George à sua sobrinha, descortina-se um cenário completamente diferente! George está casado e tem 9 filhos vivos, 5 rapazes e 4 meninas, com idades que vão dos 19 aos 2 anos de idade, o que considera uma bela família, pois no sertão, dizia-se, quanto mais, melhor (*"A nice family for out here in the Woods, we always reckon more the merrier"*)! É uma carta elegantemente composta, seguindo as regras de boas maneiras, expressando alegria pela gentileza de a sobrinha escrever-lhe e prometendo acrescentar seu nome à sua lista de correspondentes, significando que, então, aguardará um fluxo contínuo de cartas dela – *"I cannot say whether I am more pleased or surprised to receive your letter, but I can assure you it was very welcome, and now I shall be very happy to add your name to my list of correspondents, and by that you must understand, I shall expect letters regularly from you"*.

Comenta, então, que está no Brasil há 23 anos e que, tendo vivido todo este tempo num país tropical, não suportaria o inverno inglês; para visitá-la, teria que fazê-lo no verão. Entretanto, seguem-se os relatos sobre os efeitos das fortes chuvas que atingiram a região: os níveis dos rios haviam subido *60 feet*/cerca de 18 metros, provocando enchentes nunca vistas antes, com danos às propriedades e perdas de vidas, tudo e todos levados pelas enxurradas, inclusive pontes construídas por e pertencentes aos colonos ingleses. Como consequência, o abastecimento e as comunicações foram afetados.

A despeito de tudo isto, ele conta que

I have been appointed Professor of the Portuguese language & have obtained the position of schoolmaster for this district. The salary is small for a start, only about 50 pounds per year, but what with the farm (which your cousins work now) we shall be in a little better position. (...) I am also the head doctor here, as there is no physician or surgeon to be had under 80 miles or so, also the lawyer, letter writer, maker up of all papers & petitions sent to the government. (BODDY, 1891) [Eu fui designado Professor de Português e consegui um cargo

de mestre-escola para este distrito. O salário é pequeno para começar, apenas cerca de 50 libras por ano, mas juntando com os rendimentos da fazenda (que está aos cuidados dos seus primos agora) nós ficaremos numa situação melhor. (...) Eu também sou o médico aqui, pois não há outro, nem cirurgião, em uma distância de 80 milhas/quase 130 km, também sou o advogado, escritor de cartas, preparador de papéis e petições ao governo].

Como se vê, seu cotidiano era bastante ocupado com uma diversidade de tarefas de prestação de serviços aos colonos, enquanto os cuidados com a fazenda ficavam a cargo dos filhos mais velhos – William Henry, Francis George e Alfred Stewart, e um trabalhador pago para substituí-lo na lida. Comenta que, apesar de terem enfrentado uma epidemia de influenza, ele não perdeu um paciente sequer, embora muitas pessoas tenham morrido por não terem buscado socorro logo ou se automedicado erroneamente. Cuidar dos doentes, explica, lhe custava caro em remédios homeopáticos porque as pessoas eram muito pobres e não tinham condições de lhe pagar, mas ele estabeleceu uma regra desde o começo de nunca deixar de atender quem quer que fosse, com ou sem pagamento (*“It costs me a good deal in Homeopathic medicines & you see the people (at least a great many of them) are very poor & can’t pay me for my troubles & medicine, so out of Doctoring you may say I gain nothing. But I made a rule from the beginning never to turn anybody away unserved money or no money”*)

A última carta do acervo de cartas enviadas à Inglaterra é datada de setembro de 1895, e, mais uma vez, endereçada à sua sobrinha, Florrie. Logo de início, ele se desculpa pelo atraso em responder a 2 cartas que ela lhe enviara, atrasos esses motivados pela guerra, em relação à qual ele informa que atuou como Inspetor de Recrutamento.¹⁴ Conta que a guerra mudou tudo para pior, com encarecimento de preços, taxas e impostos, e que, se fosse 20 anos mais jovem, pensaria seriamente em voltar para sua terra natal, mas, devido à idade e uma grande família, isto se tornava impossível. A despeito de tudo, mantinha-se interessado nos acontecimentos que se desenrolavam na Inglaterra e que ficava feliz em poder acompanhar pelas muitas publicações que seus familiares lhe enviavam – *Sheffield Telegraph, Strand Magazine, Sunday Companion, Doncaster Chronicle & Gazette, Doncaster Review* – as eleições, que elegeram uma maioria do partido conservador *Tory*, resultado com o qual George mostrou-se resignado, acreditando, acreditando que não faria diferença quem ganhasse, embora fosse um confesso *Gladstonite*¹⁵ Por algumas dessas publicações, ele também acompanhava atividades culturais e sociabilidades de seus familiares em clubes, salas de leituras, chás, às

quais ele confessa que, às vezes, sonhava em aparecer de repente e delas participar, *“Such things are Unknown here. We have acted too much on the principle of “when you go to Rome you must do as Rome does”* [Esse tipo de coisas é desconhecido aqui. Nós agimos demais baseados no princípio de que quando em Roma devemos agir como os romanos]. Quase finalizando a carta, ele comenta sobre fotografias trocadas, sobre sobrinhos e sobrinhas, sobre a altura de seu filho Frank (Francis), sobre sua filha Elizabeth que, com 16 anos já tinha uma filha de 2 meses chamada Idalina, e sobre uma outra filha, Verônica, de 15 anos, que estava noiva para se casar com um jovem inglês, vizinho, Albert Chamberlain. Finaliza contando que estavam fazendo melado, e relembra à sobrinha algumas brincadeiras na neve com seus irmãos, há mais de 30 anos, na Inglaterra.. Por fim, lamentando que sua esposa não andava bem de saúde, despede-se com amor para todos.

As últimas cartas, datadas de 1905, 1908 e 1910 e oriundas de Serro Azul, estão endereçadas a seu filho Michael, (que mora no Brasil, não tendo sido possível saber onde) ao qual ele se refere como Miguel. Estão escritas por George em português, não um português perfeito, impecável, mas num interessante esforço e confiança em expressar-se no idioma do país no qual escolheu viver e a cuja cultura adaptou-se, suponho que parcialmente. Em 17 de setembro de 1905, ele envia notícias das filhas casadas, que *“vão bem com suas¹⁶ maridos”* e da filha caçula, Lydia, que estava noiva para casar-se até o final do ano; os preparativos estavam sendo feitos por Guilherme [William] Shannon, filho de James Shannon, um outro imigrante britânico que, como George, chegou na colônia entre 1867/68. Também notícia sobre seu filho Guilherme [William], casado, estabelecido em Curitiba, com uma fábrica de banha que estava indo regular. Na colônia, onde permaneciam apenas George e Henrique [Henry] para cuidar do sítio, estavam lidando com rapadura.

Em 1908, as notícias predominantes são de casamentos de filhas de vizinhos e de nascimentos de mais crianças na família. Lydia estava esperando mais uma criança, Verônica já tinha tido mais um filho homem e todos estavam bem; já o filho mais novo de Mecia andou doente, mas estava bem. Alguém queria vender-lhe mais alguns lotes de terra, mas ele não aceitou, talvez por já não poder contar com todos os filhos homens para ajuda-lo. Ficou contente por alguém ter comprado um lote contíguo ao seu, possivelmente porque a proximidade de um vizinho contribuiria em muitos sentidos: alguma sociabilidade, solidariedade, menos isolamento.

Por fim, a carta de 1910. As notícias não são boas. Conhecidos e vizinhos doentes e mortes, ratos destruíram-lhe uma canoa, a rapadura e o melado feitos não ficaram bons. George estava engordando alguns porcos e havia plantado milho, mas soa desanimado por causa de *“muita doença*

por aqui que não tem jeito". Também ficara doente Chico que, suponho, tenha sido aquele que George contratou para substituí-lo enquanto ele desempenhava as muitas funções que citou em anos anteriores. Com Chico doente por 23 dias, George teve que dar conta de muito trabalho, inclusive subindo morros, o que o cansou muito, comenta.

Passaram-se 42 anos desde a primeira carta do acervo até esta última. Ainda que por meio de fragmentos, são importantes vestígios que nos permitiram algum acesso ao desenrolar de vidas de indivíduos e grupos na lida cotidiana para forjar existências suportáveis, vencendo obstáculos e aspirando à prosperidade para si e para os seus. Escritas no âmbito do privado, as cartas de George e as cartas que ele recebia da família na Inglaterra, lá e cá, eram sem dúvida aguardadas com ansiedade, recebidas com alegria, lidas em voz alta, preservando os laços afetivos com pessoas e com costumes, por ora rememorando com saudades práticas culturais impossíveis de serem mantidas longe da terra de origem. Seleccionadas e preservadas por descendentes, essa correspondência representa espaços de memórias, sempre visitados e que, pelo risco de perda por conta do acúmulo de papéis juntados ao longo dos anos, transferem o acervo para que um historiador lhes garanta a sobrevivência. De fato, aquilo que está no âmbito da memória está sujeito à evanescência; por isso a importância da história, tendo sido pela compreensão desse perigo que, temerosa, a família transferiu para uma historiadora a função de compartilhar publicamente a experiência de seu ancestral.

5 CONSIDERAÇÕES SOBRE MEMÓRIA E HISTÓRIA

Aqui, tomo como referência o texto de Pierre Nora (1993), em que o autor realiza um balanço sobre as relações historiográficas entre história e memória e problematiza uma série de questões entre os modelos de história do passado e do presente, como a dessacralização da memória e de uma história que se pretendia universal, em razão de uma demanda da multiplicidade de outras histórias que não a sacralização da nação. "O fim da história-memória multiplicou as memórias particulares que reclamam sua própria história", escreve Nora (1993, p. 17). Essas memórias tornam-se mais e mais importantes a cada dia, motivadas, entre outros fatores, pelo desejo de reconhecimento do protagonismo de seus autores e da inserção e validação desses personagens por meio da escrita da história. "Quem não se crê autorizado hoje a escrever suas Memórias, não somente os pequenos atores da história, como também os testemunhos desses autores, sua esposa e seu médico?" (NORA, 1993, p. 16), e seus familiares (eu acrescentaria), como

tem sido a prática e, no caso presente, a expectativa de seus descendentes que, talvez conscientes do risco de perda dos registros materiais dessas memórias, consagram-nas a historiadores. “Menos o testemunho é extraordinário, mais ele parece digno de ilustrar uma mentalidade média”, acrescenta Nora em relação aos registros produzidos, no mais das vezes, por autores quase desconhecidos. Já para o historiador, o extraordinário está em recuperar esses registros, pessoais, individuais, que remetem a grupos e a contextos compartilhados por esses grupos, informam sobre seus cotidianos, suas sociabilidades, seus conflitos, sonhos, esperanças, suas culturas e identidades.

A passagem da memória para a história obrigou cada grupo a redefinir sua identidade pela revitalização de sua própria história. O dever de memória faz de cada um o historiador de si mesmo. O imperativo da história ultrapassou muito, assim, o círculo dos historiadores profissionais. Não são somente os antigos marginalizados da história oficial que são obcecados pela necessidade de recuperar seu passado enterrado. Todos os corpos constituídos, intelectuais ou não, sábios ou não, apesar das etnias e das minorias sociais, sentem a necessidade de ir em busca de sua própria constituição, de encontrar suas origens. Não há mais nenhuma família na qual pelo menos um membro não se tenha recentemente lançado à reconstituição mais completa possível das existências furtivas de onde a sua emergiu. (NORA, 1993, p. 17)

NOTAS

¹ Predominantemente, mas não integralmente. Ver mais em GILLIES, AMR. As propostas reformistas de Henrique de Beaupaire Rohan (1856 e 1878) – políticas públicas e utensilagem mental. Dissertação de Mestrado, Curitiba, UFPR, 2002. Congresso Agrícola de 1878. Edição Fac-simile. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1988. Ver também GILLIES, Ana Maria Rufino. O diário de uma imigrante britânica no Paraná (1860-1890): *memórias, trabalho e sociabilidades*. Curitiba: SAMP, 2014, p. 119-128. Coleção Teses do Museu Paranaense. Disponível em: https://www.museuparanaense.pr.gov.br/sites/mupa/arquivos_restritos/files/documento/2020-09/e_book_diario_imigrante_britanica.pdf . Acesso 06/06/2023.

² Ver: GILLIES, Ana Maria Rufino. Ingleses no Brasil: imaginário, representações e as diferentes configurações sociais da presença britânica no Brasil do século XIX. In: *Estudios del Ishir*, 10, 2014,23-38. <http://revista.ishir-conicet.gov.ar/ojs/index.php/revistaISHIR> .

³ PARANÁ. Departamento Estadual de Arquivo Público (DEAP). Correspondência do Governo. Relatórios. Códices. Anexo OV, 07/08/0380, 1866-1872.

⁴ GILLIES, Ana Maria Rufino. As memórias de um senhor britânico sobre sua vida na colônia do Assunguy (Paraná), Inglaterra e Canadá na segunda metade do século XIX: migrações, memórias e identidades. In: ANAIS do Simpósio Nacional de História da ANPUH, 2011. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300675197_ARQUIVO_ASMEMORIASDEUMSENHORBRITANICO.TEXTOCOMPLETOANPUH2011.pdf . Acesso 06.06.2023

⁵ Toda a tradução dos trechos de cartas escritas por George foram realizadas por mim, que não anoto a autoria, apenas coloca-as entre [...].

⁶ Para se ter uma dimensão comparativa, segundo valores que George informa em suas cartas, o preço de um lote de terra de 175 acres/70.8225 ha. era 10 libras esterlinas, que os colonos podiam pagar em 5 anos! Uma viagem em navio a vapor da Inglaterra ao Rio de Janeiro custava 15 a 16 libras esterlinas.

⁷ Assunguy, hoje município de Cerro Azul, fica a 100 km de Curitiba, capital do Estado do Paraná. Realizei algumas visitas de pesquisa ao Assunguy, em companhia de meu marido, Ian Robert Gillies, imigrante britânico interessado na história de seus compatriotas. Em uma das visitas, fomos em companhia de Oliver Marshall, autor da mais completa obra sobre imigrantes britânicos no Brasil do século XIX. Mais recentemente, em 2022, acompanhei um grupo de familiares descendentes de George Boddy. Na primeira visita, em 2006, constatei que, distante 100 km da capital, Curitiba, apenas metade da estrada estava pavimentada!

⁸ *Gentry* era a classe mais alta da sociedade rural inglesa, a aristocracia possuidora de terras (*landed aristocracy*)..

⁹ Trata-se de Albert Tamplin, marido de Caroline Maxwell Tamplin, objeto de meu estudo para a tese de doutorado, posteriormente publicado pelo Museu Paranaense. (GILLIES, 2014).

¹⁰ William Ewart Gladstone, político liberal, primeiro-ministro britânico entre os anos de 1868 a 1894.

¹¹ Provavelmente, John Bright (1811-1889), político inglês liberal, radical, que fez oposição a Gladstone e defendeu uma série de medidas que favoreciam as classes médias em detrimento aos privilégios da aristocracia latifundiária.

¹² *Plum pudding* não é um pudim de ameixas, mas um bolo de Natal tipicamente inglês, contendo frutas secas, frutas cristalizadas e outros ingredientes.

¹³ As cartas anteriores eram endereçadas de Colônia de Assunguy, Província de Paraná; a partir de agora, 1891, o endereço é Serro Azul. Ocorreu que, em 1872 a colônia foi emancipada à categoria de Freguesia, em 1882 foi elevada à categoria de Vila, em 1897 passou à categoria de Cidade, como sede do município e em 1929 foi mudada a grafia de Serro Azul para Cerro Azul. A fonte consultada, <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/cerro-azul/historico> (acesso em 15.01.2022) informa que a colônia prosperou rapidamente até 1872, o que não corresponde aos fatos por mim verificados em visitas que realizei ao local. Devido ao isolamento, dificuldades de acesso e de transporte,

carência de suprimentos e recursos humanos e materiais de toda ordem, topografia montanhosa, entre outras, como a suspensão da subvenção do governo, a colônia não progrediu, tendo inclusive sofrido muitas mortes e abandono por parte dos colonos originalmente enviados para lá.

¹⁴ Trata-se da Revolução Federalista que, iniciada no Rio Grande do Sul entre republicanos, denominados ‘pica-paus’, e federalistas, denominados ‘maragatos’ prolongou-se entre os anos de 1893 a 1895, tendo atingido e envolvido Paraná, com a morte do Barão do Serro Azul e o cerco da Lapa.

¹⁵ Como já mencionado anteriormente neste texto, refere-se a William Ewart Gladstone (1809-1898), um estadista liberal britânico. Consta que, inicialmente, ele foi um *Tory*, mas eventualmente rompeu com esse grupo, passando ao partido Liberal. Sua política, referida como um liberalismo gladstoniano, enfatizava igualdade de oportunidade, oposição ao protecionismo comercial. Tornou-se popular entre a classe trabalhadora, que o considerava o ‘William do Povo’.

¹⁶ Mantive a grafia original. A questão de gêneros que diferencia masculino e feminino, seus e suas, deles e delas etc. é muito difícil para o estrangeiro introjetar, particularmente, se além de falar português, a pessoa faz suas leituras e escritas no idioma original. Meu marido, britânico oriundo da Inglaterra, mesmo após viver quase 45 anos no Brasil, por falar apenas inglês em casa, ler e escrever em seu idioma original, não conseguiu superar algumas dificuldades com o idioma português.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. In: **Estudos Históricos**, 1998, 21, p. 9-34.

BIGG-WITHER, Thomas Plantagenet. **Novo caminho no Brasil meridional: a Província do Paraná. Três anos de vida em suas florestas e campos.** Rio de Janeiro: J. Olympio; Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1974.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). **Usos e abusos da história oral.** 4.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001. p. 183-191.

FEBVRE, Lucien. **Combats pour l’histoire.** Paris, Armand Collin, 1953. **Combates pela história.** Lisboa: Editorial Presença, 1985.

GILLIES, Ana Maria Rufino. **Políticas públicas e utensilagem mental: uma análise das reformas propostas por Henrique de Beaupaire Rohan em 1856 e 1878.** 2002. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002.

GILLIES, Ana Maria Rufino. As memórias de um senhor britânico sobre sua infância na colônia do Assunguy (Paraná), Inglaterra e Canadá na segunda metade do século XIX: migrações, memórias e identidades. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE

- HISTÓRIA – ANPUH, 26; 2011, São Paulo. **Anais**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2011.
- GILLIES, Ana Maria Rufino. **O diário de uma imigrante britânica no Paraná (1860-1890)**: memórias, trabalho e sociabilidades. Curitiba: SAMP, 2014. (também disponível em: <https://www.museuparanaense.pr.gov.br/sites/mupa/arquivos_restritos/files/documento/2020-09/e_book_diario_imigrante_britanica.pdf>. Acesso: 10.08.2023.
- GILLIES, Ana Maria Rufino. Identidade, Cultura e Relações Étnico-Raciais no Paraná. In: **Anais** do II Congresso Internacional de História UEPG-Unicentro. Ponta Grossa: UEPG, 2015.
- GINZBURG, Carlo. Sinais. Raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. **Emblemas e sinais: morfologia e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GOMES, Angela de Castro (org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- LENNON-HUNT. Emigration to Brazil. Report on the Colony of Assunguy. London: Harrison and Sons, 1875. p. 77-133; Imigração para o Brasil. Relatório sobre a Colônia de Assunguy. Tradução de Claudio DeNipoti. **Monumenta**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998. p. 17-75.
- LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 4.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001. p.167-182.
- MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi e LUCA, Tania Regina de (orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2013.
- MARSHALL, Oliver. **English, Irish and Irish-American Pioneer Settlers in Nineteenth Century Brazil**. Centre for Brazilian Studies. University of Oxford. Oxford, 2005.
- MARTIN-FUGIER, Anne. Os ritos da vida privada. In: PERROT, Michelle (org.). **História da Vida Privada 4**. Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 193-261.
- NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Proj. História, São Paulo, (10), dez. 1993.
- PERROT, Michelle. Introdução. In: PERROT, Michelle (org.). **História da Vida Privada 4**. Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 9-13.
- SIMMEL, Georg. Sociabilidade – um exemplo de sociologia pura ou formal. In: SIMMEL, Georg. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

RESUMO

Na década de 1860, imigrantes europeus de diversas origens, entre os quais britânicos, vieram para o Paraná. Muitos retornaram a seus países, dirigiram-se a outras províncias, morreram. Alguns permaneceram, entre os quais George. Este artigo toma como fonte um conjunto de 14 cartas que ele escreveu para sua família na Inglaterra, entre os anos de 1868 e 1910, e dados supridos por seus descendentes europeus e brasileiros, os guardiões da memória familiar. Tomando como referência obra organizada por Ângela de Castro Gomes (2004), discutimos a sociabilidade epistolar mantida por George, fonte cuja natureza é problematizada a partir de uma seleção de reflexões teóricas propostas por autores como: Pierre Bourdieu (2001), Giovanni Levi (2001), Teresa Malatian (2013), Philippe Artières (1998) e Pierre Nora (1993).

Palavras-chave: Imigração britânica; Sociabilidade epistolar; Escrita-de-si; Memória familiar; Século XIX.

ABSTRACT

In the 1860s, European immigrants from different origins, including the British, came to Paraná. Many returned to their countries, went to other provinces, died. Some remained, including George. This article takes as source a set of 14 letters that he wrote to his family in England, between the years of 1868 and 1910, and data supplied by his European and Brazilian descendants, the guardians of the family memory. Taking the work organized by Angela de Castro Gomes (2004) as reference, we discuss the epistolary sociability maintained by George, a source whose nature is problematized from a selection of theoretical reflections proposed by authors such as: Pierre Bourdieu (2001), Giovanni Levi (2001), Teresa Malatian (2013), Philippe Artières (1998) e Pierre Nora (1993).

Keywords: British Immigration; Epistolary sociability; Self-writing; Family memory; 19th Century.

